

O palhaço e o carteiro

- Tio! Passa a bolsa com todas as correspondências! – falou um dos pivetes enquanto o outro apontava o revólver calibre 38.

- Não estou entendendo. Eu sou Souza, o carteiro.

- Eu não quero saber quem você é. Eu quero a bolsa.

- E também a sua carteira – completou o outro.

- Eu moro aqui na comunidade. Sou o único carteiro que entrega as correspondências de casa em casa. Eu percorro todo o Morro do Cavalão entregando correspondências. Nenhum carteiro faz isso em nenhuma comunidade.

- Pô! Eu estou perdendo a paciência – falou aquele que apontava a arma.

Souza ainda tentou uma última cartada.

- As vezes eu me fantasio de palhaço. Eu viro o palhaço Tringuilim. Aquele que alegra as crianças do morro – todos no morro conheciam o palhaço.

- Puta que o pariu! Porra! Para de falar e passa a grana.

Souza um pouco constrangido entregou a bolsa com as cartas do Morro do Cavalão e a sua carteira que continha uns poucos trocados. O pagamento não tinha ainda saído. O que mais o intrigava era o fato dos dois não saberem quem era o palhaço Tringuilim, ou pelo menos fingiam que não sabiam.

Os pivetes saíram correndo para o interior da favela, na mesma direção para onde estava indo Souza. Nas proximidades tinha o bar do Barriga. Uns duzentos metros adentro. Souza foi para lá conversar com alguém. Em quinze anos entregando correspondência no Morro do Cavalão, nunca ninguém tinha tocado um dedo nele. A comunidade o respeitava pelo seu trabalho como carteiro, aquele que ia de casa em casa, e como o palhaço que em alguns fins-de-semana alegrava os seus filhos e era o ídolo das crianças do morro. O Morro do Cavalão era a única favela onde o carteiro entrava, em nenhuma outra acontecia isso. As cartas eram deixadas em algum local onde os moradores procuravam aquelas que lhes pertenciam.

- O que é isso Souza? Eu não estou entendendo nada! Uns pivetes idiotas assaltaram você na entrada do morro. Isso é um absurdo – falava Barriga aos altos brados, chamando a atenção dos poucos freqüentadores do bar.

- Esse morro não é mais o mesmo – respondeu Souza enquanto tomava um gole de cerveja.

Souza era solteiro e morava sozinho. Mas não era só. A vida na comunidade preenchia toda a ausência da família. A ex-mulher morava em outra cidade com os seus dois filhos, que Souza apenas via uma vez por mês, mais exatamente num fim-de-semana previamente determinado. Não dava para ir para Friburgo todo fim-de-semana. Às vezes os filhos passavam alguns dias com ele na sua casa bem montada no Morro do Cavalão. Jogavam futebol e brincavam com as outras

crianças. A mãe é que ficava atazanando a sua vida, perguntando coisas idiotas tais como balas perdidas, traficantes e outras coisas que via na televisão.

No dia seguinte Souza acordou pensando em como ia relatar o fato nos Correios. Roubos de carteiros eram comuns, mas o órgão sempre exigia detalhes. O furto tinha que ser registrado na delegacia. Vários formulários tinham que ser preenchidos. De repente alguém bateu na porta.

- O que mais vocês querem? – perguntou Souza espantado ao ver os dois pivetes que o haviam roubado no fim de tarde do dia anterior.

- Nós viemos aqui devolver tudo – um deles entregou a Souza a bolsa com as correspondências e o outro a carteira.

- Está tudo aí. Não tocamos em nada. Aliás nós compramos dois sorvetes mas logo nós voltamos para pagar.

Souza ficou sem entender.

- Nós gostaríamos também de pedir desculpas, pois não sabíamos quem o senhor era.

- Por que vocês mudaram de opinião? – perguntou Souza.

- Bem, o chefão, o Dudu Sem Cérebro, ficou sabendo e nos deu uma tremenda bronca. Mandou devolvermos tudo e pedir desculpas.

- Tudo bem. Vocês estão desculpados – Souza estava tão contente em ter recebido as cartas que nem estava mais preocupado com a sua carteira e nem no pequeno desfalque.

- Eu vou agora mesmo correr o morro para entregar essas cartas que já estão atrasadas.

Os dois continuavam em pé na porta.

- Está tudo certo. Vocês podem ir embora.

- Tio, nós ficamos com a tarefa de durante um mês entregar a correspondência no morro. Por favor nos entregue a bolsa.

- Eu não posso fazer isso. O carteiro sou eu.

- Nós sabemos, tio. Nós respeitamos muito o senhor. Mas esse foi o castigo que Dudu Sem Cérebro nos deu. Se não fizermos a entrega durante um mês a coisa vai ficar preta para o nosso lado.

Souza conhecia o traficante. O não cumprimento de uma ordem sua poderia ter sérias implicações para os dois.

- Tudo bem. Se vocês não conseguirem entregar alguma das cartas, por favor me procurem.

- Não se preocupe tio. Nós vamos entregar todas as cartas.

Durante um mês nenhuma carta deixou de ser entregue. Os dois pivetes acabaram muito conhecidos e respeitados no morro. Eles próprios gostaram tanto do serviço que passaram a acompanhar Souza sempre que podiam. Anos depois os dois passaram num concurso de carteiro e foram trabalhar nos Correios. Muitas vezes o bem acontece por vias transversas. O mais interessante foi também que um deles virou ajudante do palhaço Tringuilim. Souza tinha arranjado substitutos nas suas duas carreiras.